

Do plantio ao fruto: proposta de atividades para análise da produção textual através de entrevistas: do oral para a escrita.¹

Edson Roberto Bogas Garcia²

Centro Universitário de Votuporanga - Unifev

Resumo: Em artigo apresentado no último Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, elaboramos alguns pontos que considerávamos oportunos para o ensino da Língua Portuguesa nos cursos de Comunicação. Aproveitando as propostas ali descritas, o presente artigo tenta verificar o desenvolvimento da prática textual dos alunos do terceiro bimestre de Jornalismo do Centro Universitário de Votuporanga-SP, a partir da reformulação da grade curricular do Curso (em que pretendemos, conscientes do amadurecimento intelectual gradativo de nossos discentes, oferecer-lhes um conhecimento sócio-cultural e ético). A teoria escolhida para a quantificação parte das observações propostas por Marcuschi (2004), em que se analisam as operações lingüístico-textuais-cognitivas na passagem da língua oral para a língua escrita.

Palavras-chave: análise; retextualização; Língua Portuguesa; Jornalismo.

Planta com fé religiosa.
Cava e planta.
(...)
Em qualquer parte da Terra
um homem estará sempre plantando,
recriando a Vida.
Recomeçando o Mundo.
E o milho realiza o milagre genético de
nascido:
Germina. Vence os inimigos,
Aponta aos milhares.
(...)
Cria sustância.
Passa a verde.
Liberta-se. Enraíza,
Abre folhas espaldejadas.
Encorpa. Encana. Disciplina,
com os poderes de Deus.³

¹ Trabalho apresentado à sessão de Temas Livres.

² Mestre em Letras pela USP (Universidade de São Paulo) e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIFEV – Centro Universitário de Votuporanga – e-mail edsonbog@terra.com.br

³ CORALINA, C. Poema do milho. In: **Poemas do Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: Global, 1997.

Muito se tem discutido sobre a importância dos cursos de Comunicação Social no Brasil. Nessas dessas discussões, inclui-se a necessidade de fornecer aos alunos que optam em ocupar as vagas disponíveis para o curso de Jornalismo a aquisição de sólidos conhecimentos de ordem sócio-cultural, política e econômica, bem como desenvolver neles uma reflexão acerca da realidade que nos rodeia e dos desafios éticos que envolvem o exercício da profissão. Fazer, assim, com que o jornalista possa

utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que ensejam e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social⁴

Por outro lado, também passamos por graves problemas na educação brasileira. Os discentes que chegam às Universidades, a cada ano, apresentam um conhecimento humanístico escasso e a universidade acaba por assumir a difícil tarefa de, em quatro anos, capacitar seus alunos a conceber o complexo fundamento da comunicação social e de seu poder como instrumento do que chamamos de dominar pensamentos, emoções e atitudes. Não é necessário muito tempo para que o docente, envolvido nessas premissas, procure levar seus discípulos a adquirirem, respeitando o repertório de sua clientela, a necessária maturidade para assumir as responsabilidades de escolhas, que, por sua vez, determinarão o seu futuro.

O que se deseja nas universidades deve ser bem mais do que esse aprofundar-se nas especializações. É preciso que a Universidade seja o propiciamento de uma abertura de visão de mundo, para a reflexão em torno do sentido da vida do homem: uma atitude compreensiva diante das conquistas do saber, uma interpretação dos feitos humanos e suas perspectivas futuras e transcendentais (BRANDÃO, 1996, p. 32).

Trabalhamos, hoje, então, no ensino universitário, tentando recuperar o tempo perdido.

⁴ Disponível em <http://www.indecs.org.br/diretrizes.doc>. Acesso em: 23 maio 2005.

Cabe aqui uma rápida consideração de que o presente artigo não tem como objetivo tecer críticas a respeito dessa defasagem. O que nos revolta, de alguma maneira, é que, às vezes, o professor de ensino fundamental e médio é retratado pela mídia como o grande vilão do caos que se instalou na educação pública. São tachados de incapazes de lidar com uma turma de cinquenta alunos (crianças e adolescentes, em sua maioria, carentes de valores familiares e sociais que “usam” os seus mestres como o próprio “Judas Escariotes”. A sociedade se esquece de que uma educação formadora não pressupõe a figura de um educador como elemento alegórico ou desempenhando a função de “saco de pancadas”. É certo que, felizmente, alguns meios de comunicação também fazem o papel contrário e mostram os resultados negativos de uma política de descaso e abandono do sistema educacional.

No entanto, por mais que retirem de nossos docentes condições para uma prática pedagógica satisfatória, não são poucos os casos de profissionais do ensino que lutam para conduzir seus alunos a uma vida melhor da que vivem atualmente.

Os docentes universitários também fazem sua parte. O que podemos dizer, particularmente, é que, se não há seleção nas provas de ingresso nas faculdades privadas, há dois fatores que consideramos positivos para que ainda possamos trabalhar em sala de aula:

- a) a escolha pela futura profissão de jornalista, no caso, pressupõe que o aluno se interesse pelas Ciências Humanas;
- b) apesar de algumas instituições se fundamentarem no ciclo do capitalismo e do lucro; outras, preocupadas com a educação, ainda não adotaram a aprovação automática e os alunos sabem que deles depende o esforço para se capacitarem a enfrentar uma sociedade em que as lutas por emprego estão cada vez mais acirradas.

Devemos também levar em conta o esforço institucional, através do colegiado de cursos, em adaptar suas grades curriculares às tendências contemporâneas. Diferentemente do artigo apresentado na Intercom do ano passado⁵, o Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Votuporanga, interior do Estado de São Paulo, promoveu mudanças em sua grade (com o intuito de integrar unidades de conteúdos das disciplinas em blocos afins e inserir algumas disciplinas técnicas nos primeiros anos).

⁵ GARCIA, E.R.B. O estudo da Língua Portuguesa no curso de Comunicação Social: da conscientização à prática. In: **XXVIII Congresso brasileiro de ciências da Comunicação**, Porto Alegre-RS, 2004.

Diante da necessidade de melhoria e da formação mais adequada e específica ao discente, o curso de Comunicação Social foi desmembrado. Não há mais dois anos de matérias comuns, tanto para o curso de Jornalismo, quanto para o curso de Publicidade e Propaganda: são dois cursos distintos, com grades distintas.

As disciplinas de primeiro e segundo anos, que antes eram compartilhadas pelos discentes dos dois cursos, desde o ano de 2003, têm objetivos mais direcionados. No caso da disciplina de Língua Portuguesa para o curso de Jornalismo, demos prioridade aos textos jornalísticos e sua confecção.

Um outro fator a ser ponderado é o número de alunos em sala-de-aula. Hoje, no primeiro ano, não mais de 45 alunos são permitidos em cada curso. E esse número tende a diminuir (por vários motivos sócio-econômicos) consideravelmente. Atualmente, contamos com salas, no segundo, terceiro e quarto anos de, no máximo, trinta alunos. Apesar do ônus (?) que significa para a Instituição, o trabalho do docente tem-se tornado mais gratificante. Podemos conhecer melhor o aluno, sua forma de pensar e escrever o mundo. O aluno, por sua vez, tem a oportunidade de se relacionar melhor com seus companheiros e com seus professores. Casamento perfeito? Nem sempre. Por maior que seja essa interação, voltamos, ou melhor, esbarramos ainda com a imaturidade de nossos alunos.

Temos, então, de ter a sensibilidade de que o ensino, obrigatoriamente, exige um tempo gradativo de amadurecimento intelectual. Joga-se a semente e espera-se que ela brote e dê seus frutos.

Joga-se a semente: postulados.

A disciplina de Língua Portuguesa do curso de Jornalismo tem uma carga horária de 172 horas, distribuídas em três horas semanais. Nela, trabalhamos a importância da linguagem em interpretações e os gêneros textuais. A gramática, elemento de suporte lingüístico, tende a valorizar a produção de textos: tentamos criar condições e estratégias para o desenvolvimento das habilidades de falar e escrever, evitando os exercícios de “cópiação” e despertando a crítica em torno da necessidade de se repensar a importância da norma. Em intervalos freqüentes, analisamos essa produção em exercícios de refacção, para que o próprio

aprendiz amadureça seu conhecimento de mundo e a maneira de colocar no papel suas idealizações mentais.

Ministrados esses conteúdos e conscientes da progressão gradual do conhecimento, resta-nos estabelecer o quanto foi possível ajudar a desenvolver aptidões. A pergunta, temerária num primeiro momento, é a seguinte: “os conteúdos aplicados em sala tiveram resultados positivos e propiciaram algum progresso ao discente?”.

Uma das primeiras atividades solicitadas no segundo ano de Jornalismo tem com objetivo medir e analisar, através de um exercício de retextualização⁶, o grau de consciência dos alunos a respeito das diferenças entre fala e escrita, observando a própria atividade de transformação.

O arado: a teoria de base.

A teoria para a verificação dos levantamentos realizados parte das investigações de Marcuschi (2004), suas sugestões de análise das relações entre a oralidade e a escrita e um modelo de tratamento das retextualizações, principalmente, do texto oral para o texto escrito.

O autor estuda alguns aspectos das semelhanças e diferenças entre fala-escrita, considerando a distribuição de seus usos na vida cotidiana. A língua e o texto, dessa forma, são vistos como um conjunto de práticas sociais e culturais. Se assim são definidos, não podemos considerar a oralidade e a escrita como opostas, mas como atividades interativas e complementares (que vão desde um modelo exclusivo da modalidade *fala* -uma conversação espontânea -, um modelo de *domínio misto* -um noticiário televisivo - e um protótipo da *escrita* - um artigo científico-).

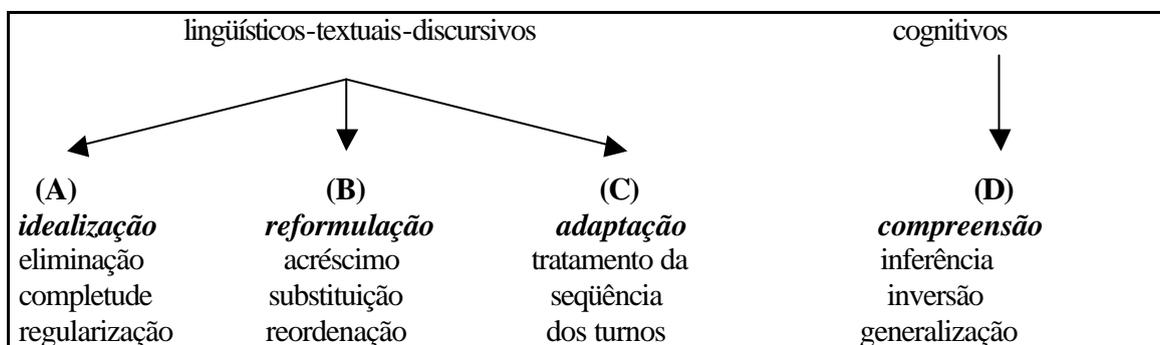
A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (...). Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita representa elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipos de letras, cores e formatos,

⁶ Segundo Marcuschi (2004, p. 46), “a expressão retextualização foi empregada por Neusa Travaglia (1993) em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra. O uso do termo retextualização, (...) se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que (...) se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua.” Diferentemente também do que se poderia denominar “refacção e reescrita”, a retextualização está preocupada essencialmente com a passagem da fala para a escrita.

elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica, prosódia graficamente representados (MARCUSCHI, L.A . 2004, p. 17.)

Isto equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum de variações*, ou seja, *a fala varia e a escrita varia*. Assim, a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas. (idem, p. 46).

A retextualização envolve operações lingüístico-textuais-discursivas e cognitivas, de acordo com o quadro abaixo:



Neste modelo, o autor pressupõe três subconjuntos diferenciados de operações. Os blocos A e B são relativos a operações e processos de natureza lingüística-textual-discursiva e se atêm às evidências empíricas. O bloco C comporta operações de citação sugere operações cognitivas, “distribuindo-se ao longo de todas as demais operações, o que pede para esse bloco um modelo específico, já que para poder transformar um texto é necessário compreendê-lo ou pelo menos ter uma certa compreensão dele” (Marcuschi, 2004, p. 69/70).

Para explicitar os aspectos textuais-discursivos (A) e (B), ainda propõe um diagrama das operações da passagem do texto oral para o texto escrito. Apesar de mencionar em seu estudo que o modelo merece vários reparos sob o ponto de vista de sua operacionalidade, servimo-nos dele como base para a análise dos trabalhos realizados pelos alunos em sala-de-aula. Além disso, didaticamente, tornam-se mais claros os vários níveis de retextualização.

TEXTO FALADO (BASE)

1ª. OPERAÇÃO: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e parte de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística).

? ou

2ª. OPERAÇÃO: Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação ou da fala (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

? ou

3ª. OPERAÇÃO: Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação lingüística).

? ou

4ª. OPERAÇÃO: Introdução de paragrafação e pontuação detalhada sem modificação de ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).

? ou

5ª. OPERAÇÃO: Introdução de marcas metalingüísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por díticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).

? ou

6ª. OPERAÇÃO: Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).

? ou

7ª. OPERAÇÃO: Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade).

? ou

8ª. OPERAÇÃO: reordenação tópica do texto e reorganização da seqüência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa).

? ou

9ª. OPERAÇÃO: Agrupamento de argumentos condensando as idéias (estratégia de condensação).

OPERAÇÕES ESPECIAIS: readaptação dos turnos para formas monologadas ou dialogadas

1 2 3 4 5 6 7 8 9
? ? ? ? ? ? ? ? ?

(TEXTO ESCRITO ALVO)

Aduba-se: a proposta.

As atividades solicitadas aos alunos em sala obedeceram aos seguintes critérios:

a) uma discussão oral acerca do tema “a censura na televisão brasileira atualmente”, em que os alunos lançaram suas opiniões e críticas sobre o assunto;

- b) a seguir, solicitamos que elaborassem questões sobre o tema acima (foram oito questões);
- c) dividimos a sala em dois grandes grupos, que se reuniram em ambientes diferentes.
- d) utilizamos a técnica da entrevista⁷ e os alunos desempenharam os dois papéis na interlocução: ora de entrevistador, ora de entrevistado. Cada um, a seu turno, realizou as entrevistas e, após, foi entrevistado (utilizou-se, para tanto, um gravador);
- e) a tarefa consistiu em proceder à decupagem das gravações e, em seguida, à retextualização. Para que não houvesse “contágio” da teoria, foram apenas mencionados os procedimentos a serem adotados na transcrição das entrevistas⁸ para o texto escrito.

Colhe-se: análise.

Analisamos 96 perguntas e respostas para levantar um *corpus* possível para o tratamento da teoria proposta.

O que notamos é que a maioria das retextualizações (48%) se condensou até a quarta operação, como no exemplo abaixo (não foram modificadas, em hipótese alguma, as produções dos alunos):

<p>B. Você acha que as novelas exibidas pela Rede Globo deveriam passar por um critério mais rigoroso:: de avaliação quanto à violência, a nudez, sexo?</p> <p>K: Eu acho que sim porque:: porque esses são os horários que a família está reunida né:: e é constrangedor você ver uma cena de sexo com o seu pai ao lado né... então: deveria ser reformulado né... o: contexto né:: eu acho que deveria sim ser reformulado. (70)</p>	<p>B. Você acha que as novelas exibidas pela Rede Globo deveriam passar por um critério mais rigoroso de avaliação quanto à violência, à nudez e sexo?</p> <p>K: Sim, porque esses são os horários que a família está reunida e é constrangedor você ver uma cena de sexo com o seu pai ao lado. Deveria ser reformulado. O contexto, eu acho, deveria ser reformulado. (63)</p>
---	--

Operações realizadas:

- 1^a) eliminação de hesitações e dos marcadores típicos da fala “eu acho que”, “né”, “então”, “sim”;
- 2^a) eliminação da palavra “porque” tributável à hesitação;
- 3^a) a inserção da pontuação é clara e segue a entoação, coincidindo, no geral, com as pausas;

⁷ Adotamos a entrevista como técnica de atividade, pois é um procedimento usual no jornalismo. A maioria das matérias publicadas nos jornais é produzida a partir desse tipo de interação verbal. Além disso, os discentes já haviam entrado em contato com a teoria e a prática da disciplina que trata tal técnica. Por fim, pareceu-nos, didaticamente, mais proveitoso para o fim a que se destinava o trabalho.

⁸ Os sinais adotados para a transcrição das fitas foram: a) falas simultâneas: [[: b) sobreposição de vozes [: dúvidas e suposições: (); c) ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA; d) comentários do analista (()); e) alongamento de vogal: :: (que podem ser repetidos a depender da duração).

4ª) não houve divisão em parágrafos;

Em 35% das respostas, observamos um aprofundamento das operações, envolvendo algumas estratégias de concordância, reordenação e opção por novos léxicos:

J.M. O que você entende por censura:: ela é boa ou má na sua opinião? J.D. Em alguns aspectos é boa e má:: não tem um quesito para eu falar assim:: se ela é boa ou ruim:: não tem como eu julgar:: em alguns aspectos é boa ((risos)) e outros não:: no sentido é o seguinte:: J.M. EXEMPLO! J.D. Isso é o que eu ia te exemplificar agora:: primeiro pode ser ruim pelo fato do seguinte:: ela pode cortar é a liberdade que os jornalistas podem ter ao revelar uma informação:: Isso no caso:: seria uma censura maléfica:: Já a benéfica seria para novelas:: programas que são transmitidos em horários não adequados para crianças:: então é assim:: tem seu lado ruim e seu lado bom. (117)	J.M. O que você entende por censura? Ela é boa ou má na sua opinião? J.D. Em alguns aspectos é boa, já em outros, má. Não existe nada específico para eu julgar! É o seguinte... J.M. EXEMPLO! J.D. É o que eu vou exemplificar agora: primeiro pode ser ruim porque pode podar a liberdade dos jornalistas de revelar uma informação. Isso seria uma censura maléfica. Já a benéfica seria em controlar as novelas e os programas que são transmitidos em horários não adequados para crianças. A censura tem um la do ruim e seu lado bom. (85)
--	--

Operações realizadas:

1ª) eliminação de hesitações, dos marcadores típicos da fala “então”, “no sentido”, “pelo fato do seguinte” e dos comentários sobre a ação do falante: “((risos))”;

2ª) a inserção da pontuação é clara e segue a entoação, coincidindo, no geral, com as pausas;

3ª) retirada de elementos sentidos como desnecessariamente redundantes: “ em alguns aspectos é boa ((risos)) e outros não”;

4ª) não houve divisão em parágrafos;

5ª) _____

6ª. e 7ª) seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções lexicais: “já a benéfica seria em controlar as novelas...”, podar, etc.

Em 17% (e aqui acreditamos que, quanto maior a resposta, maior a retextualização) houve uma maior transformação do texto base para o final sem, contudo, percebermos uma perda importante das informações proposicionais:

F: O que você acha da implantação da censura na TV? L.C. Eu acho que a censura:: ela tolhe um pouco ou até bastante a liberdade das pessoas eh:: a implantação da censura é uma maneira de coibir alguns abusos:: coisas nesse sentido:: alguns programas:: algumas coisas que o pessoal	F: O que você acha da implantação da censura na TV? L.C. Acho que a volta da censura na TV é uma boa, desde que ela não tolha a liberdade do ser humano como um todo. O que está havendo hoje é uma certa libertinagem: a implantação da censura é uma maneira de coibir certos abusos.
---	--

<p>buscava a alguns anos ah:: aquela liberdade de expressão eh:: eu acho que está havendo uma certa libertinagem:: mas eu acho que a volta da censura na TV é uma boa desde que ela não tolha a liberdade do ser humano como um todo:: eu acho dessa forma a censura para a televisão:: a volta da censura na televisão. (105)</p>	<p>(48)</p>
--	-------------

Operações realizadas:

No diálogo acima, temos um exemplo de retextualização drástica. Das 105 palavras da versão original, somente 48 foram mantidas, mas houve boa parte das informações proposicionais. Há a eliminação de hesitações, de marcadores típicos da fala, de redundâncias e repetições. Houve assim uma reordenação tópica e uma condensação bem marcada das idéias.

Considerações finais

Analisamos, resumidamente, algumas considerações sobre os resultados que obtivemos a partir do tema proposto neste artigo. Se pensarmos o ensino-aprendizagem como um amadurecimento intelectual gradativo, acreditamos que os percentuais, apesar de não representarem uma homogeneidade na realização das operações, não são tão díspares a ponto de não entrevermos avanços na produção de nossos alunos. Notamos, assim, que os conteúdos ministrados na disciplina de Língua Portuguesa têm uma razão teórico-prática decisiva para a formação do futuro profissional de Jornalismo.

Seria, no entanto, ilusório de nossa parte pretender abarcar todos os problemas de produção textual nesse processo de retextualização: é apenas um exercício de análise. Partimos de um ponto de vista baseado na relação oralidade-escrita, tentando estabelecer uma visão lingüístico-textual-discursivo que o aluno do terceiro bimestre pode perceber, sem se falar em operações e, ao mesmo tempo, dar-nos uma idéia de sua evolução no curso.

Devemos pensar, por exemplo, que nem sempre o discente terá a possibilidade de partir de uma entrevista para a confecção de um texto. Há momentos em que apenas fatos do cotidiano ou de suas idealizações de mundo servirão como “pretexto” para um fim específico.

O certo é que todas as tentativas de melhorar a qualidade e a capacidade deles são válidas no atual contexto educativo em que estamos inseridos. Se um dia parmos de concretizar nossos anseios de uma melhor (mesmo que sejam tentativas de erro-acerto-erro)

educação, estaremos também nos recusando a plantar e a admitir de que nós também precisamos de tempo para nos tornar frutos. Caso não haja frutos, continuaremos a aceitar o mundo tal qual é. Acreditamos, no entanto, que não seja essa a proposta de educadores.

Referências

ÂNGULO, A .M.P. Ensino da gramática ou de Língua Portuguesa? **Interciência**. Catanduva-SP, 1 (2001), 11-12, 2001.

BRANDÃO, E. **Universidade e Transcendência**. Curitiba: Champagnat, 1996.

FENAJ. **Programa nacional d estímulo à qualidade da formação em Jornalismo**. Disponível em: http://fenaj.org.Br/educação/programa_qualidade_ensino_2004.pdf. Acesso em: 23 maio 2005.

GARCIA, E.R.B. O estudo da Língua Portuguesa no curso de Comunicação Social: da conscientização à prática. In: **XXVIII Congresso brasileiro de ciências da Comunicação**, Porto Alegre-RS, 2004.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 4. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

ILARI R. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

LOURDES, M.de; MATENCIO, M. **Leitura, produção de textos e a escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

MARCUSCHI, L.A . **Análise da conversação**. São Paulo, Ática, 1986.

_____ **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Diretrizes curriculares à área de Comunicação Social**. Brasília. Disponível em <http://www.indecs.org.br/diretrizes.doc>. Acesso em: 23 maio 2005.